

PELOTAS SE DIVERTE: CLUBES RECREATIVOS E CULTURAIS DO SÉCULO XIX

Beatriz Ana Loner*

RESUMO: O artigo trata das oportunidades de lazer e divertimento oferecidas às diversas classes, etnias e/ou categorias profissionais da cidade de Pelotas, através das associações recreativas existentes, no último quartel do século XIX. Analisa o universo associativo da cidade e suas relações internas, bem como os principais mecanismos que regeram a vida associativa dessas entidades.

PALAVRAS-CHAVE: Associações recreativas, Sociedade Pelotense, Lazer e Cultura no século XIX.

A gente não quer só comida.

A gente quer comida, diversão e arte ...

TITÃS, "Comida" - de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito.

Mais de um século antes da composição dessa música, a população habitante de uma pequena cidade do Brasil meridional, já havia aprendido a necessidade de diversão e propunha-se a conseguí-la de variadas formas, de acordo com seu gênero, idade, estado civil, posição e/ou classe social¹.

Nessa busca, as associações recreativas e culturais, ou entidades que aliavam outras finalidades ao oferecimento de oportunidades de lazer, ocupavam um lugar importante e o seu grande número, para o final do século XIX, permite perceber que os pelotenses dedicavam uma parte significativa de sua vida e seus recursos, formando e participando de associações. Neste texto, pretende-se registrar as entidades associativas existentes nas áreas de cultura e lazer, bem como analisar, mesmo que brevemente, sua composição social e atividades desenvolvidas. Buscar-se-á desvelar, nos limites de um estudo baseado apenas em fontes jornalísticas, as redes de associações existentes, constituídas por entidades que possuíam uma determinada hegemonia interna, seja étnica, profissional ou em termos de orientação político-ideológica e as relações que estas entidades estabeleciam com outras complementares a elas.

Bourdieu analisa o conjunto social como constituído de campos sociais, que se nos apresentam como "des espaces structurés de positions (ou de postes) dont les propriétés dépendent de leur position dans ces espaces et qui peuvent être analysées indépendamment des caractéristiques de leurs occupants (em partie déterminées par elles)"². Constituem-se assim, o campo científico, o campo político, o religioso, o social, etc. Cada um destes campos define seus próprios interesses específicos e o que está em jogo a cada momento, existindo uma concordância, por parte dos componentes do campo, sobre a necessidade de manutenção do próprio campo como um espaço diferenciado e sujeito a determinadas regras e posições (as quais foram estruturadas por lutas passadas e cuja nova conformação está em disputa a cada momento). Assim "la structure du champ est un état du rapport de force entre les agents ou les institutions engagés dans la lutte ou, si l'on préfère, de la distribution du capital spécifique, qui, accumulé au cours des luttes antérieures, oriente les stratégies ultérieures."³

Ligado à idéia da estruturação do campo, está o conceito de capital, cultural ou social, cuja posse pelos agentes individuais, definem as suas posições dentro do campo considerado e também as estratégias que devem usar para manter a posição adquirida, ou para transformar o campo a seu favor, modificando sua posição. O capital social para Bourdieu, *seria* "l'ensemble des ressources actuelles ou potentielles qui sont liées à la possession d'un réseau durable de relations

* Professora Adjunta do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: loner@ufpel.tche.br

¹ Este artigo foi feito a partir de elementos colhidos na pesquisa para doutorado da autora e também em pesquisas posteriores, que ampliaram o grau de conhecimento da vida associativa pelotense para o século XIX. Participaram do processo de coleta dos dados os alunos bolsistas do CNPq: Gilso Coelho, Ana Paula Calderan e Aristeu Lopes.

² "espaços estruturados de posições (ou postos), cujas propriedades dependem de sua posição dentro destes espaços e que podem ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (embora em parte sejam determinadas por elas)", tradução da autora. BOURDIEU, Pierre, *Questions de Sociologie*, Editions de Minuit, 1980, p. 113-116, transcrito em ACCARDO e CORCUFP, 1986, p. 72/73.

³ "A estrutura do campo é um estado das relações de força entre os agentes ou as instituições engajadas dentro da luta ou, se preferimos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta as estratégias ulteriores", tradução da autora, Idem, ibidem.

plus ou moins institutionnalisées d'interconnaissance et d'interreconnaissance"⁴, ou seja, o pertencimento a um grupo, composto de pessoas com propriedades comuns e unidas por laços permanentes e úteis. Essa rede de relações não é um dado natural, mas ela deve ser construída, através de esforços específicos para produzir, estabelecer e manter ligações duráveis e úteis para seus componentes, com as quais eles poderão ter acesso a benefícios sociais ou simbólicos. Por outro lado, todo membro do grupo tem interesse em sua manutenção e na melhoria de sua posição individual. Assim, cada novo indivíduo agregado ao grupo representa um risco em potencial, tanto para a configuração interna das forças, quanto para a manutenção das características definidoras do grupo e de sua própria situação na sociedade. Estas idéias permitem analisar a sociedade pelotense do final do século XIX como um campo, no qual essas relações de força e de luta para obter ou transformar o próprio campo, se manifestavam com intensidade, mesmo no que diz respeito à constituição e manutenção de entidades recreativas. Assim, um dos objetivos deste artigo também é iniciar o processo de desvelamento dessas relações sociais internas que constituíam e configuravam aquele campo específico.

Pelotas no final do século XIX

As oportunidades de lazer eram muito diferentes no século XIX. A falta de eletricidade, os empecilhos provocados por meios de transporte lentos e incômodos, as convenções sociais e os rígidos códigos de conduta restringiam enormemente as oportunidades de lazer permitido. Especialmente as mulheres e os trabalhadores escravizados eram os maiores prejudicados por esta situação, inclusive tendo sua liberdade de circulação restrita. Hörmeyer (1986), descrevendo a vida urbana em Porto Alegre, por volta de 1850, afirma que as mulheres brancas raramente saíam às ruas e nunca desacompanhadas. As compras eram feitas pelo homem ou por escravos e os comerciantes costumavam levar seus produtos às casas de famílias ricas, para que as senhoras pudessem escolher. Mesmo homens brancos poderiam ficar perdidos entre vestimentas, convenções e regras de etiqueta e os recursos financeiros necessários para satisfazê-las. Quanto aos escravos, embora se saiba que o escravo de ganho estava presente nas ruas, não se deve esquecer que seu trânsito era constantemente controlado na cidade, o que estabelecia sérios limites a sua movimentação e aos lugares onde poderiam ir, especialmente à noite.

Uma instituição se destacava, entretanto, por oferecer oportunidades permitidas de lazer a esses setores mais vigiados da população: a Igreja Católica. Seja na freqüência às missas, seja pelas festas e quermesses de irmandades, ou mesmo em procissões, ela oferecia às jovens o espaço necessário não só para ver e ser visto, mas para enviar e receber olhares de eventuais pretendentes, essencial para alimentar seus sonhos e sua imaginação durante as aborrecidas sessões de costura e bordado, ou mesmo ao longo das atividades de trabalho e estudo realizadas. A eventual passagem de um bilhete, ou recados de forma oral, deviam também enriquecer as formas de contato entre os interessados, em que pese a estreita vigilância de pais e amas. A literatura cumpria outro papel fundamental nisso, embora restrita aos elementos alfabetizados e, portanto, menos disseminada. Mesmo assim, ela estava presente normalmente nos jornais diários, que sempre traziam poemas e o indispensável folhetim, ou naqueles periódicos literários, que existiram em número regular e que adicionavam aos contos e poemas, sessões de passatempos, piadas e a indispensável coluna de fofocas, pela qual se podia acompanhar a trajetória amorosa de vários desses candidatos a literatos (na visão dos próprios) e candidatos a maridos, nas visões das mocinhas românticas de então.

Quanto à população escrava, ela aproveitava os momentos de festa religiosa, especialmente de algumas irmandades, para extravasar, tanto suas necessidades de lazer, através do canto, dança e assistência a espetáculos, quanto suas necessidades de convívio entre iguais e de disseminação de informações. Além disso, as irmandades, com sua nomeação de juiz, rei e rainha, suas quermesses e procissões, rituais repetidos num compasso regular ao longo de todo o ano, eram elementos importantes da sociabilidade urbana, estendendo-se a todas as camadas sociais. Havia muitas irmandades religiosas, entre elas a de Nossa Senhora da Luz, da Boa Morte e Assumpção, do Rosário, do Santíssimo Sacramento e de São Francisco.

Os saraus e reuniões familiares, com poucos convidados, exerciam um papel fundamental em relação ao lazer da elite que, por este meio, apresentava seus filhos à sociedade, cultivava amizades e negócios num ambiente restrito e acolhedor, consolidando seus interesses e relações.

⁴ "o conjunto dos recursos atuais ou potenciais ligado à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento", tradução da autora. BOURDIEU, Pierre. *Le capital social*, in: *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, n. 31, 1980, p. 2/3, transcrito em ACCARDO e CORCUFP, 1986, p. 79-81.

No Carnaval, várias famílias ofereciam bailes em suas casas, recepcionando clubes que faziam um passeio de casa em casa em algumas noites (MAGALHÃES, 1993). Houve a formação de grupos, como o Sarau das Pérolas e o Sarau das Violetas com participação majoritariamente feminina e que organizavam bailes em casas de família, para seu divertimento (Correio Mercantil, 10/6/1892 e 29/3/1893), ou ainda o “Grupo Caridade”, com objetivos beneficentes, também organizando espetáculos nas residências dos sócios (A Pátria, 29/9/1890).

Mas, para outras classes e setores, a convivência interpares deveria se dar fora do lar, em locais adequados a esse fim, o que está na origem da criação de várias entidades recreativas bailantes na cidade, especialmente na década de 80, quando se disseminaram mais amplamente.

A composição dessas associações poderia respeitar critérios étnicos, ou seja, formavam-se entidades que congregavam cada uma das etnias existentes na cidade, como a portuguesa, italiana, alemã, francesa e negra. As entidades de caráter étnico cumpriam várias funções para seus pares, não apenas recreativas, pois eram originariamente sociedades de auxílio mútuo que também se encarregavam da manutenção da língua e costumes da etnia. Elas surgiram principalmente nas décadas de 70 e 80 e, por sua vez, impulsionarão a formação de entidades complementares, tais como grupos teatrais, bandas ou corais, bem como algumas tentarão estabelecer escolas para os filhos de seus sócios.

Algumas nacionalidades, como a italiana, apresentaram maior diversidade. Em 1873 surgiu a Sociedade Italiana Unione e Philantropia que, em 1875, no decorrer de um conflito interno, expulsa alguns dos sócios fundadores, que vão formar outra sociedade com o mesmo nome, a qual consegue o registro junto ao governo provincial antes que a sociedade original. Então, durante algum tempo, conviveram duas sociedades com o mesmo nome, diferenciadas apenas pelo adjetivo: Leale (presidente Santiago Pratti –a original) ou a Oficial (presidente Frederico Trebbi –a dissidente). Paralelamente a isso, surgiu na década de 80 a Sociedade Italiana Circolo Garibaldi, que se propunha a cultivar o espírito, através da leitura e conversações literárias (ANJOS, 2000). As divisões ocorrem em parte por problemas internos, em parte devido a diferenças ideológicas e políticas trazidas pelos imigrantes do país de origem. Enfim, em 1885, elas fazem assembléia de unificação, que culmina com a criação da Sociedade Reunidas União e Filantropia e Circolo Garibaldi, entidade que subsistirá por muitas décadas, tentando, em alguns momentos, manter uma escola para crianças. Além disso, a comunidade italiana desenvolveu espaço teatral (Teatro Dante Alighieri), formou uma sociedade para tratar de festas e música, a Sociedade 20 de Setembro (ANJOS, 2000), o Corpo Musicale Bellini, banda (1892) e, com os alunos de sua escola, criou uma sociedade infantil musical em 1895.

Tem-se menos dados sobre outras associações étnicas, pois nem todas costumavam propagar suas atividades tão intensamente pelos jornais diários. Mas sabe-se que os alemães possuíam desde 1857 uma Sociedade de Beneficência, que alugava quartos na Santa Casa. O Clube Concórdia também era alemão e tinha caráter recreativo, mas há outra entidade com o mesmo nome, uma sociedade por ações, vinculada estreitamente à Loja Maçônica Honra e Humanidade (Correio Mercantil 25/7/1879), não havendo pistas se as duas estariam ligadas. Há indícios da existência de grupos corais e Sociedades de Tiro, bem como sociedades de ginástica e até um jornal, o Deutsche Presse (1881-1883), mas não se conseguiu maiores dados sobre estes clubes. As sociedades francesas, das quais há o registro de duas, não parecem manter vida social, apenas mutualista ou de socorro a compatriotas.

Provavelmente, tal como os portugueses, eles não sentissem tão grande necessidade de associações étnicas para manutenção de suas tradições, devido à cultura francesa ser muito difundida entre a elite pelotense. Quanto aos portugueses, estes eram parte da própria elite, estando situados entre os maiores empresários e comerciantes da cidade e constituindo, entre os imigrantes, o grupo mais numeroso (ANJOS, 2000). Por isso mesmo, suas famílias participavam de vários clubes, de acordo com sua posição social e parece não ter havido necessidade, durante o período imperial, de desenvolverem associações recreativas, apenas mutualistas ou benemerentes como a Sociedade de Beneficência Portuguesa e a Caixa de Socorros Marquez do Pombal, criada para auxiliar compatriotas em situação precária. Apenas no período republicano surgem duas entidades: o Congresso Português e o Grêmio Republicano Português, devido a divergências políticas na terra mãe.

Quanto à etnia negra, ela começou seu processo de organização na cidade ainda na década de 70, com o surgimento da Associação Lotérica Beneficente Feliz Esperança. Não há muitos dados sobre o surgimento da associação, que parece estar relacionada com jogos na loteria. O pouco que se sabe dá conta de que alguns elementos (um menino negro e um grupo do qual participavam escravos), ganharam prêmios de loteria, o que talvez tenha desencadeado a idéia de formar uma associação para apostar na sorte mais sistematicamente, pois os primeiros

comunicados da sociedade referem-se à compra de bilhetes de loteria. Em meados da década de 80, ela passa a denominar-se Sociedade Beneficente Feliz Esperança e sua sede vai abrigar várias outras associações negras ou operárias da cidade, cumprindo esta associação um papel extremamente importante como ponto de aglutinação da etnia. Seus diretores, colocando como suas estratégia buscar a incorporação dos negros na sociedade como trabalhadores⁵, levaram a entidade a desenvolver várias atividades culturais, como realização de quermesses, manutenção de salas de aula noturnas e promoção de palestras, enquanto a parte recreativa era deixada a cargo de outros clubes. Ainda como entidades negras ou com integrantes dessa cor, mas seletivas, agrupando-se por categorias profissionais, temos a Fraternidade Artística e a Harmonia dos Artistas, esta última composta de artesãos de todas as cores e nacionalidades, especialmente portugueses.

Outra origem comum para associações recreativas eram as classes ou setores profissionais, como artesãos, operários ou comerciários, e aquelas formadas em volta de um local de moradia, como a Sociedade Recreativa da Luz, que é encontrada desde 1882 (A Discussão, 25/9/1882), ou entidades da região do Porto.

O atrativo desses clubes era muito maior do que em outras épocas, pois poucas eram as formas de divertimento existentes que não contemplasse uma associação a clubes, sendo o lazer ainda uma atividade coletiva e não individual como hoje, em que a pessoa isolada em sua casa tem acesso a várias formas de entretenimentos eletrônicos. Fora dos clubes, existiam outros divertimentos, como o parque Souza Soares, o Rinque de patinação, o jardim e quiosque dentro da praça principal, os teatros e a contínua presença de espetáculos circenses na cidade, eram todas formas de divertimento pagas; também havia salões de baile em que se comprava o ingresso (Éden, Protetor, e o popular “Bicha”⁶). Para quem, por temperamento ou restrição econômica não pudesse ou não quisesse participar destes eventos, restava a literatura (também restrita apenas aos letrados), algumas outras diversões populares, e as festas públicas ou solenidades, normalmente contando com a presença de bandas, que davam espetáculo (retreta) nas praças.

Entidades recreativas bailantes

As primeiras entidades recreativas de que se teve notícias pelos jornais foram a Euterpe Pelotense (O Noticiador, 15/6/1865) e a Phenix Pelotense, encontrada em 1868. Outra entidade iniciada nesta época e perdurando até o final do século foi a Terpsichore, fundada em 21/7/1865 como associação de comerciantes. Na década de 80, tendo entre seus sócios membros do alto comércio e negócios, a Terpsichore constituía um dos principais clubes da cidade, constatando-se inclusive o deslocamento de famílias de Rio Grande, para participar de suas atividades sociais (Diário de Pelotas 24/67/1886). A ausência de estatutos dessa associação, como de muitas outras, impede a análise da forma pela qual selecionava seus integrantes e mantinha seu padrão social.

O maior incremento associativo da cidade no século XIX ocorreu justamente nas duas últimas décadas do século, momento em que surgiram e se diversificaram entidades e associações com as mais variadas finalidades, para atender tanto às necessidades⁷ da maioria da população quanto aquelas mais específicas de seus setores mais sofisticados e enriquecidos.

Na década de 80 surgiram uma série de novas entidades, entre as quais deve-se citar: o Recreio dos Artistas, considerada a entidade que representava “a elite da nobre classe artística” (Onze de Junho, 14/3/1882), com clara origem maçônica, mesma origem da sociedade mutualista Classes Laboriosas, com quem ela compartilhava inúmeros diretores. A Recreio dos Artistas parece ter sido a matriz de diversos outros clubes carnavalescos e teatrais, e embora não se tenha recuperado seu estatuto, há informação suficiente para afirmar que ela restringia sua associatividade aos artistas, pois em 1886, se tem longa notícia sobre modificações propostas pela diretoria à Assembléia Geral, orientando para que “possam ser admitidos cavalheiros que pertençam ao corpo comercial, a quem a sociedade é devedora de inúmeras atenções” (Diário de Pelotas, 23/6/1886). Pelo mesmo informe, sabe-se que seria criada a categoria de sócio temporário, para atender aqueles que, não sendo artistas, tivessem interesse em frequentar alguns dos saraus do clube. Para tal, era exigido que seu nome fosse indicado e discutido em reunião de

⁵ A respeito da etnia negra e sua organização na cidade, ver LONER (2001) e LONER (1999).

⁶ Este salão “denominado Bicha, aonde é o verdadeiro foco da imoralidade” aparece em um protesto de caixeiros, contra medidas do Delegado de Polícia (Onze de Junho, 6 de fevereiro de 1884).

⁷ Para Bourdieu, que parte do princípio que às diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida também diferenciados, a necessidade, em termos de gostos e estilos de vida (habitus) obedece a ordenação de classes e setores de classe, de tal forma que aquilo que para um grupo é julgado um luxo, para outro é uma necessidade incorporada a seu cotidiano (BOURDIEU, 1983).

diretoria, devendo pagar uma certa quantia. Se a pessoa fosse um artista, somente uma vez poderia ser aceito nesta condição e depois deveria associar-se. Ora, se esta era a forma encontrada para permitir o ingresso no baile de não-sócios, segue-se que não haveria venda avulsa de convites. Se esta fosse uma norma comum para a época, que é o que parece (pois freqüentemente os anúncios de festas de mais diversas entidades dizem que “a ninguém será permitido o ingresso sem cartão”), imagine-se a quantidade de associações a que famílias influentes ou que o desejavam sê-lo, deveriam ser sócias, para permitir a freqüência dos seus integrantes a todos os bailes e festividades importantes na cidade. Isso explicaria, em parte, a sustentação dessas associações, além da repetição constante de nomes em suas diretorias.

A rede associativa entre as entidades normalmente iniciava-se através de uma entidade mutualista, da qual formava-se uma recreativa, cujo objetivo principal era a realização de festas e saraus. Após conseguir sua sede, elas funcionavam como local de apoio para outras, cedendo espaço para reuniões e bailes, ou abrigando outras entidades. Essa relação não era casual, mas correspondia a afinidades étnicas, de classe e/ou categoria ou ainda, ideológico-política, como é o caso da Sociedade Maçônica Honra e Humanidade, nos salões da qual muitas entidades fizeram reuniões ou deram bailes, como, por exemplo, a Philarmônica Pelotense (Jornal do Comércio, 2/7/1878) ou a Recreio dos Artistas (Correio Mercantil, 7/8/1881).

Pode-se rastrear a rede de relações entre as entidades pela cedência de espaços na sede, além de quais associações convidavam para suas festas. Por exemplo, o Clube Caixeral realizou vários bailes e festividades nos salões da Terpsichore, até conseguir sua sede, quando então passou a abrigar entidades como as teatrais Melpômene e Nova Euterpe, ambas compostas exclusivamente por elementos do comércio (Correio Mercantil, 20/3/1884 e A Discussão 20/11/1886). Da Sociedade Recreio dos Artistas, faziam parte numerosos sócios da teatral Filhos de Thalia, como também boa parte dos integrantes da diretoria da Banda Apollo. A Feliz Esperança abrigou a Banda União Democrata e a Sociedade União Operária Internacional, ambas mantendo sua sede nesta entidade.

A Sociedade Recreativa Recreio dos Operários compartilhou muitos de seus diretores com a Harmonia dos Artistas. Ao que parece, tanto em seu nascimento, quanto ao longo da década de 80, essas duas entidades não tinham o critério de cor como fator condicionante para seus associados. Contudo, as duas sofrerão dissidências importantes na década seguinte, sobrevivendo a partir de então como sociedades de maioria negra. Uma dissidência da Recreio, a S. R. Satélites do Progresso também se constituiu como sociedade identificada com o grupo negro da cidade, cumprindo funções recreativas e carnavalescas e possuindo grupo teatral próprio por longos anos (A Pátria, 5/3/1891 e A Alvorada 12/3/1955).

Durante o século XIX, a maior parte dessas entidades comprometia-se a promover um baile por mês, normalmente tendo uma comissão de diretores encarregada de cada evento (os diretores do mês), os quais se desdobravam entre atender as necessidades costumeiras (providenciar salão e carros para buscar os sócios, vender convites, contratar pessoal para o serviço e para a música) e aquelas destinadas a tornar o seu baile diferente e superior aos demais. Normalmente estes diretores do mês eram jovens sócios cujo dinamismo e criatividade (mesmo que restringidos por normas rígidas) eram essenciais para o sucesso da festa. Mas houve momentos em que seus desejos bateram de frente com os interesses da diretoria, como no caso abaixo, envolvendo a diretoria do Recreio dos Artistas em 1884:

Sendo eu diretor no presente mês, entendi promover reformas que mais realce dessem aos bailes e a sociedade, sacrificando assim, de bom grado, à minha custa, toda a despesa que excedesse da quantia estipulada para cada baile, e da qual poderá afastar-se o diretor, à custa de sua bolsa. Fundado nesse direito, contratei a banda de música União, para tocar no baile, não só porque assim o entendi, como porque é uma orquestra composta de artistas peritos que sabem respeitarem-se a si e ao lugar em que se achara(sic). Este ato, só meu, e do qual ninguém me pode tomar contas, visto que se me assiste o direito de dirigir o baile a meu gosto, foi interpretado pelo atual presidente da sociedade como uma falta de submissão, desde que me recusara a levar para tocar a [banda de] música Apollo. Desde logo vieram as ameaças e imposições de toda a espécie, como a tudo me coloquei sobranceiro, a diretoria resolveu demitir-me do cargo de diretor e promover, ela própria, a direção do baile mensal. Este ato, que de por si só revela a má intenção da diretoria, e manifesta a “crassa” ignorância e falta de delicadeza para com os companheiros, fica ao juízo do público, para poder julgar da prepotência estúpida de quem o praticou. Eu, pela minha parte, orgulho-me do meu procedimento, porque o ato da diretoria, só pode afetar os créditos e estabilidade da sociedade, e não a mim que buscava cumprir com meus deveres, onerando-me com dispêndios à minha custa (sic). Pelotas, 07 de agosto de 1884 - Felis Violla (Diário de Pelotas, 08 de agosto de 1884).

A banda Apollo, motivo da briga, tinha uma tão íntima relação com a Recreio dos Artistas, que compartilhavam vários diretores em comum, na mesma época. Por outro lado, o fato

demonstra claramente o esforço dos jovens associados para se sobressair frente aos demais, mesmo arcando com custos pecuniários altos.

Embora raras, críticas como esta aparecem nos jornais, versando sobre atos autoritários da diretoria, ou críticas à estagnação da entidade. No caso do C. C. Demócrito, as acusações à diretoria fizeram parte do desfile do carnaval de 1886, além de externarem-se em *a pedido* nos jornais em 1882 (Diário de Pelotas, de 11/3/1886 e 9/8/1882). Muitas vezes, os próprios redatores dos jornais, membros dos clubes, inseriam críticas a alguns atos administrativos em suas notícias sobre a vida associativa das entidades. Tais notícias permitem ao pesquisador maior conhecimento da situação presente e seu funcionamento interno, bem como desvendam os mecanismos reais que regiam a estrutura interna das entidades. Os pedidos de carros para levar os consócios aos bailes, deveriam ser feitos às próprias lojas dos comerciantes encarregados do evento ou de membros da diretoria.

As festas costumavam prolongar-se pela madrugada adentro, sendo muito comum encontrar-se notícias de seu término por volta de duas ou quatro horas da madrugada, reafirmando a tradição boêmia da cidade. Às vezes, havia a apresentação de espetáculos antes do baile e este se realizava segundo rituais estritos. Mas, para os jovens, mesmo a marcante vigilância não conseguia impedir que gestos e atitudes corporais demarcassem terreno e transmitissem emoções. Veja-se o relato sobre um baile da Nova Euterpe, por um jovem escritor:

*... findando-se o espetáculo, abriram-se as janelas, deixando ver o baile transformado num florido jardim!
Meus companheiros de galerias sentiram como eu, impressionados com o majestoso aspecto, de tão seleta reunião de formosas damas e gentis cavalheiros! Que variedade de toaletes! Que rostos angélicos, soltando sorrisos de esperança.
la se dar princípio ao baile e os guapos mancebos, com avidez e entusiasmo, procuravam dançar a primeira polca com suas amadas, pois segundo o catecismo amoroso, esta marca pertence aos namorados. Os mais tímidos declaravam seus amores com uns simples olhares ternos. Os mais experientes faziam apaixonados juramentos e declaravam-se verdadeiramente felizes em estarem junto de suas belas! (O Invisível, 13/2/1887).*

Por um lado, não se deve esquecer que o relato está sendo feito por um pretensamente jovem intelectualizado, guindado à posição de cronista social para o seu próprio grupo e demais jovens da cidade, num jornal **do** e **para** o grupo. Por outro, vale lembrar que essa associação não era das mais tradicionais da cidade, sendo composta de pessoas que trabalhavam no comércio. Nota-se que há um imenso desejo, que o autor consegue expressar, de que o evento corresponda às regras de etiqueta impostas pela camada superior, por isso a insistência na elegância das toaletes e nas maneiras dos “gentis cavalheiros”.

As associações tinham códigos de conduta internos e regras próprias do que era ou não permitido. Mas todas procuravam seguir, de uma forma ou de outra, o modelo das camadas mais altas da sociedade. Obviamente, muitos destes códigos e normas, eram feitos de forma a tornar impossível que outros setores os seguissem integralmente, tal como os relativos à toailete das damas, ou ao luxo da ornamentação do ambiente, exatamente para marcar a diferença entre a plebe e a elite. Portanto, tornava-se necessário fazer adaptações para que setores com menos recursos pudessem participar de atividades sociais próprias de forma satisfatória.

Afinal, se era difícil, para associações compostas dos setores menos privilegiados da sociedade, a rígida observância de regras sofisticadas, tal como a Terpsichore, que no Carnaval de 1897 disciplinou a cor das roupas das moças que não usassem fantasia, sempre era possível tentar mostrar distinção, como a Filhos do Trabalho, que só permitiu confetes de cor vermelha e azul e jogados separadamente⁸ em sua festa de carnaval do mesmo ano. Os redatores de jornais, eles próprios procedentes de setores médios da sociedade, referiam-se às festividades de associações de setores étnicos ou de trabalhadores, com uma postura que aliava o desejo evidente de mostrar que estes setores sabiam se comportar como os demais, a uma certa dose de condescendência explícita, por exemplo, quando descrevem o recinto da festa como um “salão modestamente adornado”, ao que logo acrescentam que as festas ocorreram de forma harmônica, conduzidos pelos “honestos e honrados cidadãos” ou “operosos e dignos obreiros”. Isso fazia parte também da estratégia de valorização do trabalho e seu agente, readequação ideológica e social necessária numa sociedade que apenas transitava para o trabalho assalariado, convivendo ainda com o trabalhador cativo.

⁸ Na época, havia anúncios de venda de confetes, enfatizando que usar confete de uma só cor era uma evidência que seu confete era limpo e novo, não juntado do chão e novamente atirado ao ar. Talvez proceda daí a origem da exigência, pois este era um clube de operários e poderiam achar necessário demonstrar boas maneiras.

Embora eventualmente se encontre uma ou duas solicitações para que as pessoas se apresentassem vestidas com simplicidade para os bailes, é digno de nota que, entre centenas de descrições de festividades encontradas nos jornais, apenas uma refletiu uma crítica das regras sociais vigentes, mas que parece ser mais um desejo do jornalista do que dos próprios elementos do clube, como se depreende do comentário feito pelo redator do Correio, sobre a fundação do Clube Recreio Democrático, na região do Porto.

Realiza-se hoje nesse clube recentemente organizado a partida inaugural. O clube é formado na sua totalidade de empregados das repartições fiscais e de moradores do porto da cidade e tende a congregá-los em intimares (sic) reuniões, afastando toda a etiqueta, todas as formalidades que se inventaram no mundo social, para espantinho dos parvos (Correio Mercantil, 6/1/1885).

Nunca se saberá o que exatamente ocorreu, mas a descrição do evento, por outro jornal, reafirmava as práticas de etiqueta correntes, tanto na retreta organizada na praça, com desfile e banda própria, à tarde, quanto em seu baile de inauguração:

Os salões achavam-se elegantemente preparados, fazendo honra à comissão encarregada do baile. A concorrência de famílias e cavalheiros foi extraordinária, dançam-se dificilmente (sic) até as 4 horas da madrugada. A copa foi abundante e nada deixou a desejar, ficando todos os convidados cativos das atenções e cavalheirismo com que foram tratados pela distinta comissão incumbida do baile. Esta comissão(...) foi incansável em obséquios a exmas. famílias, tornando-se por isso digna dos mais sinceros elogios, assim como foi com especial agrado elogiada por todos os convidados (Onze de Junho 8/1/1885).

Os clubes também poderiam se constituir seguindo modelos importados, para clientelas específicas, como o Clube Comercial, o qual, segundo Magalhães (1993) era um clube masculino, ao modelo inglês. Esse clube terminou tendo uma dissidência, que se constituiu no Clube do Comércio, em 1889. Este comprou a sede e utensílios do Clube Demócrito, então em dissolução. Este novo clube seria apenas de negociantes e capitalistas, segundo notícia de sua fundação (Onze de Junho, 17/4/1889). Posteriormente, os dois clubes novamente se uniram.

Entidades carnavalescas

Normalmente, as entidades tinham mais de uma função, sendo recreativas e carnavalescas ou teatrais e carnavalescas. Ocorre, entretanto, que as entidades carnavalescas mais consolidadas possuíam vida social ao longo de todo o ano, assim pouco se diferenciando das entidades bailantes. E essas, freqüentemente, tinham grupos carnavalescos formados entre seus sócios, como a Terpsichore, que na década de 90, abrigava os Girassóis, Cuícas Garibaldinos e Carvoeiros, alguns inclusive com diretoria própria.

A ligação entre estas variadas entidades podia se dar, como se viu, através de laços étnicos, profissionais e/ou de classe, comprovadas pela coincidência de nomes em suas diretorias e também pelas relações de amizade, pelo comparecimento a solenidades e festividades uma das outras. A cerimônia de batismo do estandarte era normalmente um momento alto da entronização da nova sociedade frente às demais. O paraninfo era uma sociedade mais tradicional, que estivesse apoiando a nova entidade, ou uma entidade mais consolidada do mesmo tipo, nos dois casos acontecendo da entidade mais velha emprestar seu prestígio para aquela que estava se estabelecendo.

Normalmente a entidade mãe era do tipo mais tradicional, recreativa e bailante, e as entidades mais novas incluíam segmentos de seu corpo social, abrindo-se ou não à participação de não-sócios da entidade principal. Quando não havia essa abertura, a tendência era de não estruturação física do novo clube, que ficava eternamente anexado à entidade principal. Os grupos carnavalescos de sócios de entidades bailantes e os grupos recreativos formados ao redor do Caixeral, já citados, são exemplos desse tipo.

Entretanto, por vezes ocorria que uma nova entidade unisse elementos de várias outras associações. Assim, se ela inicialmente buscava apoio, para suas reuniões e festas, em entidades já consolidadas e dentro de sua rede associativa, seu objetivo era sua completa autonomia. Os clubes carnavalescos são os que mais se enquadram neste perfil, pois eram formados por jovens que lhes impunham seu ritmo e suas vontades e que, além de brincar no carnaval, buscavam se destacar no estreito círculo da sociedade pelotense. Embora seja necessário um estudo mais aprofundado, o que requereria, inclusive, a observação das estratégias de alianças matrimoniais daquele período e a pesquisa das formas de inserção nos negócios ou de escolha de novos

funcionários pelas empresas, é possível sustentar a idéia de que a participação em clubes carnavalescos poderia auxiliar estes jovens, a maioria oriundos do comércio, a se destacar frente ao conjunto da sociedade, impulsionando carreiras profissionais e/ou casamentos. Ou seja, a participação nestes clubes poderia ampliar o universo de relações das pessoas que os integravam, ampliando seu capital social e trazendo lucros posteriores.

Essa era uma maneira de fugir ao estreitamento do círculo de conhecimentos sociais provocados pelos rígidos critérios associativos e pela exigência da associação para a freqüência em entidades. Havia um ônus financeiro elevado para quem quisesse ser sócio de vários clubes, o que se tornava quase proibitivo para jovens em começo de carreira, aliado aos dispêndios que teriam com roupas e demais requisitos para participar dos bailes.

Mas, em uma entidade carnavalesca, os critérios de admissão, embora respeitassem as grandes linhas de divisão social, não eram tão rigorosos, permitindo uma certa mistura de setores de classes. Além disso, em uma entidade fundada basicamente por jovens, se encontraria maior espaço em suas diretorias para eles próprios, espaço que lhes faltava nas outras entidades, cujas diretorias, formadas por elementos mais velhos e de status social consolidado dentro daquelas associações, impediam ou tutelavam demasiadamente a manifestação dos novos sócios. Estes jovens, então, teriam diante de si o desafio de mostrar à sociedade que possuíam responsabilidade e competência necessária para administrar um clube e atributos suficientes para organizar e montar um desfile carnavalesco, especialmente de carros, o que constituía o ponto alto da apresentação do carnaval, e incluía demonstrar competência, engenhosidade na solução dos problemas técnicos e certa dose de inteligência e argúcia, expressa pela crítica, moderada, das mazelas sociais, bem como pelo elogio público das atividades econômicas da cidade. Não por acaso, boa parte das alegorias dos carros era dedicada ao elogio do comércio e da indústria da cidade, além da comparação com Rio Grande, sempre extremamente elogiosa à Pelotas. Por outro lado, todos assistiam aos desfiles e, portanto, era um ótimo espaço para ver e ser visto.

Estas próprias peculiaridades, entretanto, conformam também o destino destes clubes, pois, por mais bem estruturados que sejam, mesmo tendo sede própria e patrimônio, não conseguem renovar seus membros⁹, com eficácia e envelhecem rapidamente, como é o caso do Demócrito, que formado em 1880, foi um dos clubes mais ativos e mordazes do início da década, mas deixa de existir em 1889, vendendo sua sede e seus utensílios para a dissidência do Clube Comercial, que tentava montar o Clube do Comércio (Onze de Junho, 17/4/1889). O Demócrito era formado por jovens empregados no comércio e não deixa de ser significativo que sua extinção se realize a partir da oferta de compra de seu material para a constituição de outro clube, este de negociantes e capitalistas. Embora não se disponha das nominatas das diretorias deste último, quem sabe ali não estariam vários dos ex-Demócritos, provando que sua estratégia teve sucesso?

Na década de 70, um dos clubes que mais se destacaram, foi o Clube Taylor, que anunciava a realização de passeio com 18 carruagens em 1876, sendo a última ocupada por banda musical composta de 50 maestros instrumentistas (Diário de Pelotas, 23/2/1879) e cujo tema seria a paródia a invenções. Notícia posterior, entretanto, adverte que o desfile foi feito com apenas 15 carruagens, mas não dando detalhes da apresentação destes músicos.

Para o final daquela década e início da seguinte, descobriu-se a presença, em bailes e clubes, mas também participando de passeios ou desfiles nas ruas, do Clube Helênico, "composto de formosas e elegantes jovens da sociedade pelotense" (Diário de Pelotas, 25/2/1879) e do clube Estrela do Sul, também de mulheres. Além deles, aparece como sendo de mulheres o Variedades, neste mesmo ano. Com relação à participação feminina em clubes como estes, há que se tomar um pouco de cuidado na interpretação dos fatos. Em primeiro lugar, porque a participação de mulheres bem nascidas não era tão pequena quanto se supõe em datas recuadas. Embora a mulher não pudesse se associar sozinha, ela poderia participar de várias formas, seja em comissões ou como benemérita. Em várias dessas associações, havia grupos de moças, que às vezes compunham uma diretoria feminina, auxiliando na realização de bailes e outras atividades, e os grupos carnavalescos possuíam o cargo de princesa ou rainha do clube. Essa singularidade era mais visível nas associações das camadas mais altas. Também eram sempre as mãos femininas que bordavam os estandartes dos clubes, que depois seriam batizados com pompa na Igreja Matriz, em cerimônia solene. Normalmente as mulheres eram filhas, irmãs ou esposas dos diretores, mas constituem-se em uma presença que se amplia, para outras décadas e outras

⁹ Esse fato é justificado se aceitarmos a hipótese de que os clubes carnavalescos serviriam como estratégia de ascensão social, pois para os novos grupos de jovens, era estrategicamente mais interessante fundar um novo grupo carnavalesco e procurar distinguir-se dos demais (mesmo tendo mais trabalho inicialmente), do que entrar em entidades já consolidadas, nas quais deveriam aceitar a tutela do grupo fundador, a esta altura já velho, ocupando espaços na diretoria e detendo o poder de decisão quanto as propostas para o clube.

classes. Por exemplo, o Diário de Pelotas de 18 de abril de 1885 cita apenas uma mulher como organizadora do baile mensal do Cassino Pelotense e nenhum homem. Nos anos 90, tem-se o Sarau das Pérolas e o Sarau das Violetas, entidades tipicamente femininas que organizavam festas em casas de famílias¹⁰.

Seguramente, esta participação era relativa e vigiada. As entidades acima nunca foram formalizadas e quando apenas mulheres organizavam festas, costumavam aparecer tuteladas pela presença de algum membro da diretoria, como na notícia abaixo, sobre um baile a ser realizado na Terpsichore, “sob a direção dos estimáveis cavalheiros Sr. Adolpho Rezende, presidente da sociedade e João Meira, secretário, coadjuvados pela exma. Sra. D. Doralina Gonçalves e oferecido as exmas. jovens que fizeram parte da diretoria anterior (Diário de Pelotas, 24/7/1886). Provavelmente se fosse um diretor masculino o encarregado do baile do mês, não sairiam os nomes da alta cúpula do clube como supervisionando o evento. Mas os fatos demonstram que as mulheres na época tinham uma atividade social um pouco maior que aquela de meras espectadoras ou participantes.

Pelas notícias recolhidas, o Clube Estrela do Sul parece ser formado de jovens mulheres e de boa família, como fica implícito na seguinte passagem, que descreve um desfile do Satélites de Momo, com apoio do Clube Demócrito e que ao passar em frente “de uma das janelas do sobrado onde reside o sr. Manoel Felipe da Silva, achava-se erguido o estandarte do Clube Estrela do Sul, sendo por suas dignas sócias saudadas as corporações” (Diário de Pelotas, 4/3/1881).

O desfile do Satélites terminou em coquetel no Hotel Aliança, em comemoração ao seu aniversário. Entre os vários brindes feitos, um foi aos Clubes Helênico e Estrela do Sul. Todos estes clubes também estarão presentes em baile à fantasia, na casa do sr. Benito Maurell, oferecido pela sua filha Alzira, princesa do Satélites de Momo (Diário de Pelotas, 3/3/1881). Mas nenhum dos clubes femininos parece ter maior participação além dos meses de carnaval, e aparecem apenas por um ou dois carnavais. O próprio fato do estandarte do clube estar em uma casa de família é significativo de que não deveria ter uma sede própria.

Mas quanto aos demais clubes ditos femininos, não fica totalmente claro, pela leitura dos jornais, sua real constituição. Para a década de 90 aparecem referências a carros que percorreram as ruas com “horizontais”, termo galhofeiro usado para referir-se a prostitutas. Mas para estes clubes do início da década de 80, todas as referências são dúbias, inclusive em relação ao Helênico, como esta: “Os Helênicos, de moças, também foram recebidas com as maiores simpatias, estando fantasiados com sumo gosto” (Diário de Pelotas, 12/2/1880) Veja-se que a concordância de gênero varia ao longo do trecho. Para 1879, as referências são mais enfáticas: “Anteontem à tarde, percorreram as ruas da cidade diversos clubes carnavalescos e alguns comparsas de espírito; teve a primazia nos clubes o Helênico, composto de formosas e elegantes jovens da sociedade pelotense. O Clube Variedades, também de moças, conseguiu chamar a atenção geral” (Diário de Pelotas, 21/2/1879).

Por outro lado, desde pelo menos 1876, Pelotas conhecia clubes de homens travestidos de mulher, como o “Mundo as Avestas”, segundo a descrição do carnaval da época:

Além do Clube de Senhoras e da comparsa (sic) do clube Z, apareceram os Democratas e o Mundo as Avestas (Emancipação da Mulher). Com perto de 16 ou vinte distintos jovens da sociedade pelotense, o clube apresentou-se nas ruas, em oito ou dez carros particulares, ostentando trajes femininos. Bem vestidos e seguido (sic) na melhor ordem, o clube chamou a atenção geral e por onde passava era recebido com flores soltas e delicadas (sic) ramalhetes que lhes eram arremessadas por ilustres famílias. Depois da passeata, o clube visitou muitas casas e em todas foi tratado com a maior consideração por moças e chefes de famílias. Em algumas delas foram servidos profusas mesas em honra aos membros do Mundo as Avestas que, em pagamento dessas finezas, dançavam divertidas quadrilhas e doudejantes valsas (Diário de Pelotas, 7/3/1876).

Os principais clubes a fazerem desfiles de rua na década de 80, eram o Satélites de Momo, o Tire-Bouchom e o Demócrito que costumavam exaltar a cidade em detrimento de Rio Grande, utilizada como termo de comparação e representada como um velho, senil e decadente, mas que tudo queria para si. Questões como o traçado da estrada de ferro (que negligenciava a cidade), a instalação de água e outros, estavam sempre presentes em seus carros.

A escravidão foi outro tema destacado entre os clubes carnavalescos ao longo da década de 80, recebendo tratamentos diversos. O Carnaval foi usado para popularizar o ideal abolicionista,

¹⁰ Correio Mercantil de 29/3/1893 e Correio Mercantil de 10/6/1892.

através de carros elogiosos a figuras eminentes dessa campanha; para denunciar os horrores da escravidão, ou até para criticar tendências escravagistas ainda fortes na cidade.

Em Pelotas desenvolveu-se pelo menos¹¹ um clube de mascarados que imitavam os costumes e atitudes dos negros, o clube Nagô. Novamente é muito difícil ter certeza absoluta de sua composição social apenas pelos jornais, pois o tom dúbio de todos os anúncios a respeito deixa incógnita sua verdadeira composição social¹². Ele possuía elementos brancos em sua diretoria, repleta de nomes de artesãos e pessoas ligadas ao comércio. Sabe-se que os foliões costumavam apresentar-se mascarados nos desfiles e sua participação tinha caráter benemerente e de crítica social, aparecendo em solenidades vinculadas à campanha abolicionista como em visita à casa do Cônego Canabarro, quando sua mãe aproveitou a ocasião para libertar dois escravos de sua propriedade, assinando a diretoria do clube como testemunha. As três testemunhas eram conhecidos artesãos brancos, e o jornal prossegue: “E assim, um ato de filantropia tornou os pretos escravos, iguais aos pretos mascarados livres” (Onze de Junho, 26/2/1884).

Um clube com características abolicionistas fortes é o citado Clube Demócrito, integrado por elementos do comércio e jovens artistas, vários deles estrangeiros (portugueses) e que teve uma grande participação, especialmente no início da década de 80. Entre seus membros, vários seriam republicanos ou maçons e ele sempre é saudado como “o democrático Clube Demócrito” pelos jornais, o que pode significar tanto sua abertura para novas idéias, ou sua composição social. Seus carros para o passeio burlesco, mesmo prestigiando a cidade e seu comércio, tinham uma crítica social particularmente aguda e ácida. Tome-se, por exemplo, um carro do carnaval de 1882, em que após saudar o ideal abolicionista no carro anterior, dão mostras de uma ironia feroz no seguinte, que tinha origem nas denúncias da morte de vários escravos fugidos de charqueadas na época. Veja-se como o carro é apresentado pelo clube :

3º carro: vade retro satanaz.... eis a verdadeira prova de amizade do ideal escravocrata! Extinção completa dos escravos! Isto é, reduzidos a bifés, lingüiças e até morcilhas se preciso for!... A idéia é nova, mas não pega... Ergam-se as espadas dos Dâmocles e Zás trás no cego....extinção completa! A questão, que se chama Santíssima Abolição, só pode mesmo acabar com um enorme facão!... E viva o progresso... E agüentem-se no balanço. O Zé Povinho não pensou assim... (Onze de Junho, 19/2/1882)

Nos anos de 1887 e 1888, surgiram clubes como o Fenianos e o Termóphilas que tinham uma composição social e política próxima ao Demócrito, bem como comungavam de sua preocupação abolicionista, marcando presença nas atividades ligadas a esta campanha. Por outro lado, já nas festas emancipatórias de 1884 tinham participado o Clube carnavalesco *Nagô*, o *Republicano Juvenil*, de brancos, e os *Netos d'África*, grupo negro (Diário de Pelotas, 21/10/1884).

De origem diferenciada, o Clube Satélites de Momo estava oferecendo sarau às famílias de seus sócios em pleno mês de julho, no qual estiveram presentes “muitas das nossas mais interessantes beldades da primeira sociedade pelotense” (Onze de Junho, 11/7/1882). Este clube era freqüentado pelo alto comércio e negócios. Freqüentemente aparece, junto com a descrição de suas festas, o oferecimento de esmolas à caridade. Nascido em 1878 mudou de nome e de funções em 1883, transformando-se no Cassino Pelotense, clube “destinado à diversão dos sócios e suas famílias, por meio de concertos, músicas, jogos de salão e soirées” e tendo sede no sobrado onde funcionou a Câmara Municipal, a praça Pedro II (Diário de Pelotas, 20/5/1883). Os Girondinos, outro clube formado por pessoas ligadas ao comércio e negócios, foi fundado em 1884 e apareceu até, pelo menos, 1886. O Tire-Bouchon, fundado em 1881, possuía, em sua primeira diretoria, uma significativa quantidade de jornalistas e redatores de jornais (Diário Popular, 28/10/1881). Esses clubes, mais sólidos e referenciados na sociedade, conviviam sem maiores problemas, com agrupamentos efêmeros, como o Clube Trovadores do Luar, que desfilou pelas ruas apenas em 1883, sendo formado de “moços distintos, todos músicos amadores, ricamente vestidos à maruja”, tocando várias músicas (Diário de Pelotas, 8/2/1883).

Era costume, em dias de carnaval ou outras comemorações, os clubes organizarem desfiles de seus sócios, com estandarte à frente e fantasiados ou devidamente vestidos (incorporadas, como se dizia), para cumprirem um trajeto nas ruas, o que, na década de 80, incluía necessariamente a visita à casa de pessoas importantes da sociedade e os clubes rivais-amigos. A relação de emulação e rivalidade por parte dos vários clubes era uma constante, o que não

¹¹ Diz-se pelo menos um, pois há uma notícia apenas da existência do Clube Moçambique.

¹² A discussão sobre a composição do clube já foi feita em LONER (1999) e LONER (2001).

impedia que o ritual dos desfiles fosse rigorosamente cumprido, bem como as suas saudações. Veja-se este exemplo, do primeiro desfile do clube Nagô:

Este clube percorreu anteontem algumas das ruas da cidade, em passeata carnavalesca e fielmente reproduzindo os costumes dos pretos nagôs. (...) Por parte de seus companheiros de carnaval, a primeira ovação que recebeu o Clube Nagô foi a dos Satélites de Momo. Reunidos na sacada da casa de suas sessões, os membros dessa corporação ali esperavam o Clube Nagô, que ao chegar levantaram os mais calorosos hurrahs aos Satélites de Momo. Trocaram-se depois os cumprimentos pelos estandartes, ao som de uma banda de música e entre estrepitosos vivas dos Satélites ao clube Nagô. Aos eloqüentes discursos dos oradores do Nagô corresponderam honrosamente os oradores do Satélites. ...O Clube Tire-Bouchon também soube elevar-se dignamente recebendo com a maior distinção o clube Nagô. No recinto daquela corporação os Nagôs foram saudados em belas alocações, as quais, por seu turno, elevou merecidos brindes" (Diário de Pelotas, 28/2/1882).

Mas nem tudo eram flores nestas incursões noturnas. O Clube da Noite formado em agosto de 1881 e apresentando-se como "de proteção mútua", vem a público para defender-se de acusação de mau comportamento asseverando sair apenas incorporado e respeitar as conveniências sociais. Por isso, segundo ele, "Nada há de comum entre o Clube da Noite e os bandos de pessoas de péssima moral que vagueiam de noite pelas ruas de Pelotas entoando canções e coros obscenos, com grave ofensa ao pudor das famílias" (Diário de Pelotas, 21/9/1881). O que significa que havia pessoas e/ou grupos que tinham esses comportamentos menos aprovados.

O Demócrito inaugurou na cidade o recital bestialógico, entendido por isso o recitar de palavras grandiloquentes e o uso de hipérboles e figuras de linguagem pelos seus oradores nos desfiles. Essa modalidade já havia se generalizado anteriormente para as convocações e anúncios para as festividades, nos jornais, utilizando-se de verdadeiras torrentes de palavras, com muito *non sense*, mas uma certa pitada de ironia, num estilo ainda usado hoje em dia pelo cronista Macaco Simão, da Folha de São Paulo. Na época, estes bestialógicos escritos eram assinados pelo General Chipanzé, Duque de Alva, Duque de Piassaba, ou simplesmente, da seguinte forma: "Palácio de pau à pique, teu admirador fungole-tricunelancolitonico" (Correio Mercantil, 18/1/1882). Este estilo era empregado por todos, ou quase todos, os clubes carnavalescos da época, variando apenas os personagens e conteúdos dos discursos. Em prol do Demócrito e suas singularidades, é bom observar que em 1882, o Clube pretendia formar um curso noturno de humanidades, contrariando a tendência de abertura de cursos com finalidades práticas, tais como técnicas comerciais.

Aos poucos, estes clubes vão passando por dissidências ou momentos menos criativos e terminam se extinguindo, seguindo um roteiro argutamente delineado por um jornalista da época, ao saudar o recém formado Clube Dinamite, ainda em 1883:

As leis que presidem a vida dos corpos físicos, como dos coletivos, são tão caprichosas, quanto invariáveis e fatais. Quando algumas sociedades carnavalescas entram a encanecer (sic) cobrindo-se com o pó do tempo sob o peso dos achasques(sic) do desânimo e da indiferença, ressurgem outras cheias de vida e esperança, como uma afirmativa eloqüente de que o espírito humano, não se emlibria (sic) no empreendimento dos cometimentos solenemente grandes, ou simplesmente galhofeiros. A prova do que dizemos está no aparecimento de uma nova sociedade carnavalesca e recreativa que acaba de organizar-se... (Onze de Junho, 9/11/1883).

O Carnaval de rua com desfile de carros alegóricos, comum nesta década, desapareceu na década de 90, na qual o carnaval se concentrou nos clubes e casas, e a rua passou a ser utilizada apenas para passeios burlescos, corsos, batalha de flores e entrudo (BARRETO, 1995). O número de clubes aumentou relativamente, mas em sua maioria, tornaram-se efêmeros, extinguindo-se em um ou dois anos. Em boa parte deles, continuou a se fazer sentir a forte presença de jovens empregados no comércio. Alguns destes clubes possuíam banda própria, que animava seus bailes e desfiles. Entre os clubes formados por trabalhadores, apareceram o Guarany, o Flores do Paraíso e o Satélites do Progresso, esses dois últimos de negros, que também pode ser a composição do Juventude Pelotense¹³. Os Democráticos e os Esmeraldas aparentam ter uma composição social de camadas mais elevadas, embora o primeiro tenha muitos comerciantes. Um clube que impressiona pelo nome, e cuja trajetória é fugaz, deixando ignorada sua composição é o *Deusas do Inferno*, encontrado e apenas uma vez (Opinião Pública, 15/8/1898). Ainda existiram vários outros, destacando-se os clubes *Estrella*, *Sectários de Momo* e *Os Terríveis*, esse com bom número de filhos de imigrantes já estabelecidos¹⁴, os Tenentes de Momo em 1899, o Cara Dura e os Satélites de Platão, em 1890.

¹³ Correio Mercantil 6/10/1888, Opinião Pública 15/8/1898 e Correio Mercantil 19/5/1895.

¹⁴ Correio Mercantil 17/1/1896, Á Pátria, 10/12/1888, Correio Mercantil 21/3/1893.

Entidades musicais

A música fazia parte da vida de todo habitante da cidade, e era exercitada de várias formas, seja ao pé da fogueira e nas cantigas das senzalas, seja nos saraus da época, nos quais nunca faltavam as indefectíveis apresentações ao piano.

Em termos de associações, porém, elas são encontradas em número regular, desde os inícios da ocupação urbana. A forma principal de sociedade musical da época era a Banda (que poderia ser chamada também de Filarmônica). Essas bandas tinham uniformes e estandartes distintivos e tocavam gratuitamente ou por encomenda, em retretas aos domingos nas praças, ou em passeatas pelas ruas, além de atuar em salões e bailes, festividades como quermesses e desfiles, ou solenidades como missas e funerais. Boa parte delas era constituída de artistas e operários, que entre outras atividades, também eram músicos. Seus maestros poderiam ser nacionais ou estrangeiros, entre os quais destacou-se João Pinto Bandeira, responsável pela regência de diversas bandas e pela constituição da Sociedade Ocarinista, que preparava para trabalhar no teatro, especialmente em óperas e operetas, sendo ele o 1º soprano e seu irmão, Antonio Pinto Bandeira, contralto (Correio Mercantil, 5/1/1878).

Na década de 70, tem-se a notícia da existência de algumas bandas, entre elas a Lira Pelotense, dissolvida em 1877, pretensamente para dar nascimento à sociedade Recreio Pelotense, da qual não há notícia posterior¹⁵. A Sociedade Musical Santa Cecília, nascida em 1º de janeiro de 1873 (Jornal do Comércio 1/1/1878) estava vinculada à “devoção da protetora virgem Santa Cecília”, a qual deveria funcionar como uma irmandade, pois elegia irmãos mesários e juíza e tinha por ponto de referência o consistório da Igreja Matriz (Jornal do Comércio, 20/11/1875). A relação da banda com a Irmandade demonstra uma relação de dependência mútua, pois a banda abrilhantava todas as festividades da devoção e se encarregou de trazer a imagem de Santa Cecília da Bahia para a cidade, com recursos arrecadados “através de uma subscrição entre os fiéis”, promovida pelo seu diretor João Pinto Bandeira (Jornal do Comércio, 23/11/1875). Ela parece ter sido composta em sua maioria por operários, pois em alguns momentos encontram-se notícias que ela foi confraternizar com seus companheiros de classe (em relação à banda União, composta em maioria por artesãos –O Pervigil, 18/3/1883). Como todas as entidades de composição operária, a Banda Santa Cecília esteve presente em todas as atividades relativas à campanha abolicionista na cidade, incluindo as festas de emancipação em 1884 e abolição em 1888. Posteriormente era assiduamente encontrada em várias atividades festivas referentes aos trabalhadores.

Mas essa não foi a única entidade nascida em 1º de janeiro de 1873, pois se os jornais estão corretos, também a Sociedade Musical Apollo foi fundada nesta data (A Discussão 31/12/1884). Na cerimônia de batismo de seu estandarte, cujo padrinho foi o Clube Demócrito, foi agraciada com uma poesia de Lobo da Costa:

*Salve Apolo! Essa bandeira
Que do céu teve o batismo
Rasgando as trevas do abismo
Há de sempre fulgurar
Aqui em terras estranhas
Em toda parte bendito
Pois no topo leva escrito
Uma idéia: Prosperar!* (Correio Mercantil, 03/1/1886).

Tendo muitos dos seus sócios ligados à sociedade Recreio dos Artistas, de artesãos maçons e estando presente em várias festividades organizadas pela Maçonaria, pode-se tentar avançar a hipótese que seu nascimento, no mesmo dia, mês e ano da Santa Cecília, não tenha sido ocasional, mas sim forma de contrapor-se à ação da Igreja numa estratégia de ocupação de espaço. Mesmo que não tenha sido este o caso, nunca se deve esquecer que as duas lojas maçônicas funcionando na cidade naquele momento –Honra e Humanidade e Rio Branco– tinham uma política deliberada de criar e apoiar novas entidades, pois o associativismo era um dos pilares fundamentais da idéia de modernização e progresso a ser alcançado no novo século. Progresso e evolução, nas artes, nas indústrias e no comércio, eram os temas dominantes na imprensa naqueles últimos anos do século XIX, uma idéia também presente, por exemplo, no poema acima citado, mesmo que a associação seja puramente musical.

¹⁵ A nota fala que a Sociedade Lira Pelotense e a S. Musical União se dissolveram para formar o Recreio Pelotense. Mas, enquanto nada mais aparece da Lira, nem da nova sociedade que seria criada, a Sociedade Musical União continua existindo (Correio Mercantil, 7/4/1877).

Uma terceira banda muito importante naquelas duas décadas foi a Sociedade Musical União, uma sociedade que durou pelo menos 20 anos, pois já existente em 1875 só vai desorganizar-se em meados da década de 90. Embora seja apresentada pelo Pervigil (4/3/1883) de forma modesta: “um dos mais ativos membros da sociedade é um operário, a sociedade é pequena, não passam de 20 sócios operários”, ela parece conter uma parcela bem representativa dos músicos de então, pois muitos deles depois serão participantes da Sociedade Ocarinista, como João Pinto Bandeira, Luiz José Rodrigues de Almeida (seu diretor); Paulo Abbadie e Adolpho Lindner, além da presença de Agostinho Perarchi, compositor e maestro. Colimério de Faria Leite, comerciante, diretor e cenógrafo, será seu orador em uma das diretorias. Além disso, ressalta-se nesta entidade, a presença da família Cazaretto, representada por Jerônimo, João e Caetano. Outra família muito presente é os Berrutti, dos quais se encontram em sua diretoria, ao longo dos anos, Pedro, Santiago, Luiz e Francisco. Além de nomes de procedência estrangeira, outro indício de sua origem operária é que é uma das únicas bandas a criar uma Caixa de Socorros para seus sócios (Correio Mercantil 24/1/1878). Mas o fato de ser formada por vários membros da indústria da construção civil lhe trouxe a vantagem de rapidamente conseguir sua sede própria na Andrade Neves, inaugurada em cerimônia na qual se fizeram presentes as principais entidades representativas de trabalhadores e étnicas da cidade, inclusive as negras (Correio Mercantil 13/3/1883).

Outras bandas que surgiram na década de 90 foram bem menos importantes. Normalmente nascidas junto a entidades profissionais ou étnicas, portanto sem um compromisso profissional mais forte, extinguíram-se em pouco tempo. Merece ainda destaque, por sua longevidade, a banda União Democrata que, nascida no porto (Opinião Pública, 8/9/1896), funcionou no edifício da associação negra Feliz Esperança, na parte central da cidade por mais de uma década, tendo sido fundada por músicos negros e brancos (Rebate, 6/9/1920), em uma clara atitude contra a discriminação racial na cidade (ROSA Jr., 2000). Vale lembrar que entre as sociedades musicais, a discriminação racial nunca foi tão forte quanto em relação a outras entidades.

Como forma de permitir o exercício da atividade musical entre camadas mais afortunadas da sociedade criou-se o Club Beethoven, formado por médicos, advogados, charqueadores, comerciantes ou empresários, que se reuniam em uma orquestra e se propunham a dar concertos mensais no Sete de Abril, sempre em benefício de uma entidade beneficente. Ela também possuía alguns músicos pagos, inclusive seu maestro Manoel Acosta y Olivera, e há dados que indicam que promovia (talvez apenas para algumas posições na orquestra) sorteios para indicar quem participaria de cada espetáculo, prova evidente que havia uma clientela de músicos amadores superior à capacidade da orquestra. Contudo, talvez sua performance artística não fosse irrepreensível, pois seu livro de atas deixa insinuar a idéia de que seus espetáculos não estavam sendo bem aceitos, mesmo pelas entidades a serem agraciadas com o resultado de seus esforços mensais. Por outro lado, a rivalidade interna e o alto grau de ciúmes artísticos parecem ter sido um fator de desagregação contínua. Ligado ao Beethoven houve a formação da Banda Estudantina.

Outras entidades encontradas foram a Sociedade Philarmônica Pelotense, que aparece como estando em dissolução em 1888, mas novamente é encontrada em 1893, com uma diretoria apenas de mulheres, presidida pela Baronesa da Conceição. Entretanto, manteve um coral masculino, a Sociedade Coral Giuseppe Verdi, cujos integrantes eram, em maioria, italianos (Correio Mercantil, 9/9/1895). Ainda como sociedades corais, havia a Coral Savóia, formada por italianos e algumas sociedades alemãs, que pratica-mente só se apresentavam dentro do estreito círculo da própria colônia de origem.

Entidades teatrais

Sendo o teatro uma importante forma de arte e de diversão para todas as classes sociais, a zona sul do Estado era percorrida por companhias profissionais de teatro ou opereta, às vezes com maior frequência do que na própria capital gaúcha no século XIX, pois a riqueza acumulada na cidade, com a atividade saladeril, permitia a existência de uma sociedade aristocrática e sofisticada que podia satisfazer suas necessidades mais refinadas. Estes grupos apresentavam-se no Sete de Abril e podiam passar longas temporadas na cidade, quando elogiados pela crítica, havendo muita interação entre eles e a parcela mais culta da sociedade, que os agraciava com presentes e poesias.

Também houve uma boa difusão de grupos teatrais de amadores, constituídos segundo os mesmos critérios que vigoravam no restante da sociedade. Os grupos teatrais formavam-se apenas com esta função, ou eram parte de associações recreativas, especialmente carnavalescas. Compunham-se de amadores que representavam peças estrangeiras ou nacionais, algumas de

origem local. Entre os nomes que apareciam nos anúncios, como responsáveis pelas peças tem-se Leopoldo Rego, Artur Rocha, Manoel Joaquim Valadão, João Ferreira Marques. Como diretores e cenógrafos, apareciam Colimério Leite de Faria Pinto; Leopoldo Rego e Artur Rocha.

Estes grupos filo-dramáticos contavam com expressivo número de participantes, das mais variadas classes e setores sociais, de tal forma que deram origem a inúmeras sociedades, algumas com maior longevidade, outras efêmeras, mas todas envolvidas com o fazer teatro: compondo peças, ensaiando, fazendo figurinos e cenários e apresentando-se mensalmente para um público razoável, formado pelos seus amigos, pelos amantes do teatro e também para quem queria auxiliar as entidades ou pessoas beneficiadas com estes espetáculos, pois em sua maioria possuíam caráter beneficente. Encenavam dramas e comédias, além de quadros rápidos e revistas satíricas.

Na cidade havia alguns pequenos teatros pertencentes a sociedades, além do Sete de Abril. Um deles, localizado em um prédio na Quinze de Novembro, foi onde funcionou o antigo teatro italiano Dante Alighieri, vendido para a Recreio dos Artistas em 1887 e que antes ainda comportava o Armazém Brasil (Diário de Pelotas, 17/6/1887), o que traz a idéia de que o espaço devia ser pequeno para as apresentações. O clube carnavalesco Sectários de Momo, também possuiu um teatrinho, na Félix da Cunha (A Pátria, 14/4/1890) e ainda parece ter existido outro teatro, com pequena capacidade na Gal. Netto, n. 38, na década de 90. Com o tempo, as entidades vão terminando por criar ou reformar espaços com palco, para as apresentações teatrais.

Suas apresentações sofriam dos problemas comuns para trabalhos de amadores, como limitação no cenário e no número de personagens, especialmente as femininas, pois muitas das damas atuantes nesses espetáculos, eram pagas, sinal evidente de preconceito dos homens quanto a participação de suas filhas/mulheres como atrizes. Com isso, alguns dos homens faziam papéis femininos, especialmente em comédias¹⁶, mas o mais comum era a redução drástica de papéis femininos ao seu último limite: apenas uma atriz, que era normalmente chamada de “a dama”.

O público parece ter sido extremamente exigente com as peças apresentadas por companhias profissionais, representadas no Sete de Abril, das quais os jornais reproduzem as críticas e elogios recebidos, mas também descrevem vaias e pateadas com que eram brindados se a platéia não considerasse a apresentação a sua altura. Entretanto, eram muito mais tolerantes com as companhias amadoras, notando-se muita discrição no comentar dos erros e falhas dos espetáculos. Mas algumas deveriam ser bem maçantes, a julgar pela crítica¹⁷ do jornal Democracia Social, de dezembro de 1893. Esse jornal acusa esses grupos de amadores de serem “uma verdadeira praga” “em rápida disseminação”. Para ele, essas sociedades apenas representariam dramalhões ou longas comédias soporíferas, e seus integrantes decoravam “montes de elocubrações tétricas e vazias, longas declamações de pura bestialogia, vícios que depois traziam para a vida pública”. Sem julgar o mérito da crítica do Democracia Social, cujos redatores faziam parte do corpo intelectualizado dos artesãos-literatos da cidade, é interessante notar que eles vinculam as apresentações teatrais à vida pública. Com isso, deixam claro que havia lideranças ou pessoas, que depois se destacariam em várias atividades ou profissões na cidade, que participavam de grupos teatrais. Esta era uma característica marcante daqueles tempos e pode ser comprovada através dos nomes dos componentes das diretorias das associações teatrais e dos próprios atores e cenógrafos. Essa ênfase na representação teatral, envolvendo todas as classes sociais, foi comum também à Argentina, com os grupos filo-dramáticos do século passado e com os grupos operários formados principalmente por imigrantes a partir da década de 1890 (KLEIN, 1996).

Mesmo de forma breve¹⁸, merecem destaque o Grêmio Dramático Sectários de Momo, ligado ao clube carnavalesco de mesmo nome; a Phenix Dramática, que reunia principalmente

¹⁶ No clube Caixeiral de Pelotas, em julho de 1896, houve uma dessas apresentações (União Caixerla, 14/7/96).

¹⁷ O fenômeno não era novo, pois 13 anos antes o Cabrion de 25/7/1880 já comentava que sociedades teatrais pululam “como pragas” em Rio Grande e que, em Porto Alegre, essa “epidemia” de sociedades dramáticas que disputam “a tapa” os aplausos, já estava esmorecendo.

¹⁸ Vai-se deixar para um próximo artigo o desenvolvimento maior das relações dessas sociedades teatrais com as outras associações, especialmente aquelas literárias, seus componentes e as peças aqui produzidas, pois isso faz parte de pesquisa, financiada pelo CNPq, atualmente em andamento. Assim, aqui apenas relacionar-se-á, algumas das principais sociedades teatrais encontradas.

tipógrafos e jornalistas; a Filhos do Trabalho, que ligava-se diretamente a Recreio dos Artistas e, embora fosse essencialmente um clube carnavalesco, também possuiu um Grupo Dramático; mesmo caso do Recreio dos Operários e da Satélites do Progresso. Alguns nomes eram especialmente utilizados, como Melpômene, das quais encontrou-se três sociedades com o mesmo nome, embora sem ligação aparente entre si, e a S. D. P. Filhos de Thalia, que depois deu origem a S. D. P. Thalia, havendo ainda a Netos de Thalia, apenas naquelas duas décadas. Da *Melpômene* (1884), só participavam membros do Clube Caixeiral, tal como em *A Nova Euterpe* (1886) enquanto a *G. D. Fênix Dramática* (1892) reunia tipógrafos e redatores.

Concluindo, pode-se dizer que muito mais associações foram descobertas, dos mais variados tipos. Algumas delas deixaram poucos traços de sua existência, dificultando que se possa avançar na análise. Entretanto, apenas seu registro factual nos demonstra a vitalidade do corpo social na qual se inseriam, capaz de dar vida e sustentar a um leque de associações extremamente variado e completo. A sociedade pelotense do século XIX era muito complexa, fenômeno provocado pelo seu grau de riqueza que a igualava, em brilho e sofisticação de sua vida social e cultural, a algumas capitais do país. Foi esse ambiente que propiciou o desenvolvimento de várias formas associativas, todas tentando satisfazer as necessidades de lazer e cultura específicas para cada classe, setor de classe, ou etnia representada.

Mas ele, por si só, não poderia ter forjado o aparecimento de redes associativas tão completas e consolidadas. Outros fatores interferiram, tanto no tocante a algumas etnias, que se mostraram mais dinâmicas e perseverantes em construir e manter suas associações, quanto em relação à influência de algumas instituições, como a Maçonaria, contribuição que se demonstra como nada desprezível, mas da qual será necessária maior pesquisa, para sua perfeita avaliação. Talvez se devesse também pesquisar as influências decorrentes da proximidade geográfica e cultural com a República do Prata, para poder compreender plenamente a grande capacidade associativa demonstrada por Pelotas naquele momento. Mas isso são tarefas para o futuro. Este artigo pretendeu apenas desvelar alguns pontos importantes no estudo das relações internas entre estas associações e os setores do conjunto social que lhes deram vida, buscando compreender quais as motivações que levaram à criação destas entidades, seus mecanismos internos e, principalmente, como constituíam e interagiam neste campo social.

ABSTRACT: The article is about the opportunities of leisure and entertainment in a variety of classes, ethnicities and professional categories in the city of Pelotas, through its recreational associations existing in the last quarter of the XIX century. It analyzes the associative universe and its internal relations, along to the main mechanisms that rule the associative life of these entities.

KEY WORDS: Recreational associations, Pelotas' society, Leisure and culture in the XIX century.

Referências bibliográficas:

- ACCARDO, Alain e CORCUFF, Philippe. *La sociologie de Bourdieu*. Bordeaux: Le Mascaret, 1986.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: EDUFPEL, 2000.
- BARRETO, Álvaro Augusto de Borba. Relações Sociais no carnaval pelotense de 1890 a 1906. *Cadernos do ISP*. Pelotas, nº 7, out, 1995, p. 5 a 38.
- BOURDIEU, Pierre: *Sociologia*. Coletânea organizada por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.
- HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850*. Tradução de Heinrich Bunse. Porto Alegre: DC Luzzato, 1986.
- KLEIN, Teodoro. Teatros anarquistas y socialistas em el 1900. *Desmemória*, Revista de História. Buenos Aires, v.3, n.9, p.126-135, nov./dic. 1995, ene.1996.
- LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: EDUFPEL, 2001.
- LONER, Beatriz. Negros: organização e luta em Pelotas. *História em Revista*, n.5, 1999, p. 7-27.
- MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas*. Pelotas: EDUFPEL, 1993.

ROSA Jr. Harry. *Sociedade musical União Democrata: a trajetória e o caráter popular*. Pelotas, UFPEL, 2000, Monografia (Graduação em História).